

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS

BEATRIZ COSTA LIECHESKI

CULTURA POPULAR: O que dizem as crianças?

**CRICIÚMA
2016**

BEATRIZ COSTA LIECHESKI

CULTURA POPULAR: O que dizem as crianças?

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada à Beatriz Costa Liecheski no curso de Artes Visuais - licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

**CRICIÚMA
2016**

BEATRIZ COSTA LIECHESKI

CULTURA POPULAR: O que dizem as crianças?

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada de Beatriz Costa Liecheski, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestra- (Instituição) - Orientador

Prof.^a Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora - (UNESC)

Prof.^a Izabel Cristina Marcilio Duarte – Mestra –(UNESC)

Dedico este trabalho a minha mãe, filhos e marido que sempre me apoiaram durante toda a graduação.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus pela vida que tenho, falo no que se diz respeito à família e amigos. Tenho muito a agradecer ao meu esposo por ter me apoiado durante este percurso, aos meus dois filhos amados que muito me auxiliaram ensinando como se enviava um e-mail, ou como se fazia uma transferência de dados do computador para um pen drive, pois nem isso eu sabia ao iniciar a graduação. Quero também lembrar aqui de duas colegas maravilhosas com quem dividi momentos bons e muitas dificuldades no início do percurso a Cleusa Rzatki e a Micheli Alves Dias Lidio. E é claro agradecer plenamente a pessoa que me incentivou a prosseguir, querida Mestra Silemar.

“O sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos (...), em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”

Larrosa

RESUMO

Esta pesquisa intitulada: “Cultura Popular: O que dizem as crianças?”, estudo da Arte e Cultura Popular, se deu através de meu interesse pelo assunto e pela curiosidade em saber se as crianças vivenciam ou já vivenciaram algumas das expressões da Cultura Popular nas aulas de Artes ou no seu dia a dia. Tendo como problema de pesquisa Quais as manifestações da cultura popular são identificadas nas obras de Willi Zumblick pela fala das crianças do 3º ano da E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, essa fala aponta caminhos para melhor compreendermos o papel da arte na educação na contemporaneidade? Dialogo com diversos autores como: Laraia (2005), Leite (2005), Barbosa (2003), Martins (1998), Pillotto (2008), Ferraz(2009), Cruz(2008), Buoro(2002) entre outros. A investigação se insere na linha de Pesquisa Educação em Arte do Curso de Artes Visuais – UNESC. Para realizar a investigação optei por uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, aplicada 3º ano E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz.

Palavras-chave:

Cultura Popular. Artista regional. Ensino da Arte. Criança. Educação e Cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Bandeira do Divino Espírito Santo.....	30
Figura 02 – Boi de Mamão.....	31
Figura 03 – Bandeira do Divino Espírito Santo na Cantina Abramo Silvestre.....	32
Figura 04 - Interagindo com os alunos.....	39
Figura 05 – Socializando as imagens.....	39
Figura 06 – Bandeira do Divino Espírito Santo.....	40
Figura 07 – Boi de Mamão.....	41
Figura 08 - Bandeira do Divino Espírito Santo na Cantina Abramo Silvestre.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.M.E.I.E.F. Escola Municipal De Educação Infantil e Ensino Fundamental.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacional.

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

PPT – Power Point Texto

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1.CAPITULO POR CAPITULO - DIRECIONANDO O PERCURSO.....	12
1.2. CAMINHOS METODOLOGICOS – CARREIROS TRILHADOS	13
2 ENSINO DA ARTE E A CULTURA POPULAR	17
2.1 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE	17
2.2 A CULTURA POPULAR: CONCEITOS E DIREITOS	22
3 ARTE E CULTURA	26
3.1. DE QUE CULTURA ESTOU FALANDO?.....	27
3.2 A CULTURA POPULAR - ENTRE PENAS E PINCÉIS.....	29
4 INFÂNCIA E CULTURA	35
4.1 O QUE DIZEM AS CRIANÇAS	37
5 EXPONDO E ANALISANDO OS RESULTADOS.....	39
6 PROJETO DE CURSO - CULTURA POPULAR E AS AULAS DE ARTES.....	47
6.1 CARGA HORÁRIA	47
6.2 PÚBLICO ALVO.....	47
6.3 JUSTIFICATIVA	47
6.4 OBJETIVO GERAL:	47
6.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	47
6.6 CONTEÚDOS:	48
6.7 DESENVOLVIMENTO/METODOLOGIA.....	48
6.8. REFERENCIAS.....	49
7 UMA PAUSA - HORA DE REFLETIR	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICES.....	55
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO ENVIADO A DIREÇÃO DA ESCOLA.....	56
APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO ENVIADA AOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS.....	56
APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO PARA AS CRIANÇAS	57

1 INTRODUÇÃO

*Todo homem traz dentro de si o menino que foi.
Antoine de Saint-Exupéry*

Na vida encontramos vários desafios a serem superados assim também aconteceu comigo. Mas chegou o momento em que a vida me colocou no Curso de Artes Visuais – UNESCO. Iniciei minha formação acadêmica em licenciatura, e durante esses anos que estou na universidade o que sempre me encantou foram as aulas nos ateliês, o fazer. Desde o início, em 2010 já se fazia presente em meus pensamentos uma preocupação em relação ao trabalho de conclusão de curso. Pensei em falar sobre muitas coisas e todas remetiam a minha infância, uma infância simples no meio rural. Tempo em que fazia bonecas de palha de milho, carrinhos com latinha de sardinha, entre tantas outras brincadeiras de crianças de um tempo repleto de imaginação e fantasia. Essas brincadeiras eram vivenciadas como uma tradição ou, o que aqui irei tratar como uma expressão da região. Nessa perspectiva, a presente pesquisa vem evidenciar as falas das crianças sobre as obras de Willy Zumblick, um artista catarinense que retrata as manifestações da cultura popular de sua região. Tomo como referência a inclusão do inciso da LDB nº 9394/96, que no parágrafo 2º do art. 26 – que já estabelecia o ensino da arte como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica – destaca também a presença das “expressões regionais”, ou seja:

§ 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”.

Quando pensamos em “expressões regionais” vamos nos referindo às expressões da cultura que nos cercam. No dicionário Aurélio¹ encontro que cultura popular trata-se de algo que é: Relativo ou pertencente ao povo; Que é usado ou comum entre o povo. Nesta pesquisa, o termo expressões regionais está contido no problema de pesquisa que contempla a cultura popular. Entendo que ao tratarmos da cultura popular, as expressões regionais estarão sendo contempladas e assim

¹ <https://dicionariodoaurelio.com/popular>. Acesso em 05/12/16 às 10:24min.

melhor atendendo ao que diz a lei, que ao meu entender deveria ter sido redigida como cultura popular por ser realmente mais amplo que o termo utilizado.

Dentro desse contexto levanto algumas hipóteses no sentido de melhor pontuar o problema dessa investigação. Para melhor compreender sua dimensão, vou construindo um pensar que vai se costurando a partir de hipóteses como, por exemplo: Até que ponto as crianças identificam essas expressões, ou se identificam nessas expressões? Como estas expressões são evidenciadas, em específico nas aulas de Artes?

Como acadêmica do Curso de Artes Visuais, participei de uma comemoração do centenário de nascimento do artista plástico Willi Zumblick. Evento que aconteceu no Auditório Rui Hülse, na UNESCO, no dia 28 de novembro de 2013. Encontrei-me com várias obras do artista, as quais estavam expostas no hall do auditório e remeteram a minha infância². Recordei de coisas que não mais lembrava. Portanto as hipóteses acima se somam à experiência vivida com as obras deste artista, e nesse sentido, faço opção por apresentá-las para algumas crianças, e suas respostas serão o campo de investigação desta pesquisa. Ou seja: pontuo como problema de pesquisa: Quais expressões da cultura popular são identificadas nas obras de Willi Zumblick na fala das crianças do 3º ano da E.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, e essa fala aponta caminhos para melhor compreendermos o papel da arte na educação na contemporaneidade?

1.1. CAPITULO POR CAPITULO - DIRECIONANDO O PERCURSO

*O verdadeiro homem mede a sua força, quando se defronta com o obstáculo.
Antoine de Saint-Exupéry*

Trago os capítulos desta pesquisa no sentido de melhor contemplar os objetivos desse desafio. O primeiro capítulo se faz pela própria introdução, na qual se insere esse mapa de capítulos e a metodologia, e traz um subcapítulo chamado de “Carreiros trilhados”, chamo assim, pois lembra os carreiros que percorria em minha infância para ir até a escola, à casa de minha avó e muitos outros lugares. Trago para esse diálogo Minayo (2009) e Gil (2002).

² <http://www.unesc.net/porta1/blog/ver/213/25131>- Acesso: 03/11/16 às 18h43min

Apresento-o depois do desenho dos capítulos que evidenciam a síntese do corpo teórico com o qual dialogo.

O segundo capítulo aponta aspectos sobre o ensino da arte, permitindo também, uma maior compreensão do conceito de arte enquanto forma de expressão e conhecimento. Evidencia-se, assim, um ensino da arte no seu percurso histórico, dando prioridade à sua contemporaneidade. O diálogo com a cultura popular, fundamenta-se em Barbosa (2003), Pillotto (2008), Buoro (2002) entre outros autores que nos auxiliam nessa reflexão. Sigo com um segundo subcapítulo intitulado: A Cultura Popular: conceitos e direitos, momento em que dialogo com autores como Laraia (2005) e Ferraz (2009).

Com o título de “Arte e Cultura” o terceiro capítulo traz um diálogo teórico com Cabral (2004), Santos (2008), Laraia (2005) e Certeau (2001), e contempla ainda um subcapítulo intitulado “De que arte estou falando?”, citando Ortiz (2000), Canclini (2003). O outro subcapítulo intitulado “As expressões regionais entre penas e pincéis”, busca nas expressões artísticas melhor compreender as possibilidades de fazer a relação da arte com as expressões regionais propriamente ditas, considerando-as aqui como cultura popular. Para tanto o diálogo teórico se dá a partir de Nunes (2013), Bez e Santos (2005).

Diálogo com Martins e Tourinho (2010), Pereira e Souza (1998), no quarto capítulo intitulado “Infância e Cultura”, e ainda com Becker (2010) em um subcapítulo chamado “O que dizem as crianças?”.

No último capítulo, o quinto desta sequência, trago as minhas considerações finais referentes à pesquisa.

1.2. CAMINHOS METODOLÓGICOS – CARREIROS TRILHADOS

*O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.
Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.
Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.
Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio.
Quando o rio está começando um peixe,
Ele me coisa
Ele me rã
Ele me árvore.*

A presente investigação se insere na linha de pesquisa “Educação e Arte”⁴ do Curso de Artes Visuais - Licenciatura. Trazendo como título Cultura Popular: O que dizem as crianças? Um desafio que parte da seguinte problemática: Quais expressões da cultura popular são identificadas nas obras de Willi Zumblick pela fala das crianças do 3º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Núcleo Hercílio Luz, e essa fala aponta caminhos para melhor compreendermos o papel da arte na educação na contemporaneidade? Para melhor elucidar tal questão, pontuo como campo de investigação a sala de aula, onde irei ouvir o que os alunos têm a dizer sobre as obras de Zumblick. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica de caráter qualitativo. O que para Minayo (2009, p. 21), a pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte e realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Para o autor, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, onde o nível de realidade não é totalmente visível, exigindo do pesquisador que interprete os resultados obtidos na pesquisa.

Trata-se ainda, de uma pesquisa exploratória, pois busco investigar através da fala das crianças, quais expressões regionais estão presentes em seu cotidiano e de que forma estas expressões dialogam com a contemporaneidade. E nas palavras de Gil (2002, p. 45), uma pesquisa exploratória:

Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema

³ <http://www.ufrgs.br/rotascriticas/textos/Mundo%20Pequeno%20Manoel%20de%20Barros.pdf> Acesso 30/11/16

⁴ “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação”. Disponível em: www.unesc.net/artesvisuais.

pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.

A pesquisa se deu por meio de uma roda de conversa, filmada, gravada e depois transcrita. Apresentei três imagens de obras do artista Willi Zumblick, uma delas representando a Bandeira do Divino Espírito Santo, outra o folguedo do Boi de Mamão e uma terceira mostra uma paisagem rural. Escolhi estas imagens por serem das obras de Zumblick estas que mais remetem a minha infância, e foi este um dos motivos que impulsionaram esta pesquisa.

A escola E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, faz-se campo de investigação por que foi nesta escola que fiz as primeiras descobertas sobre a docência, durante o estágio não obrigatório quando atuei como auxiliar de sala de aula durante dois anos. A escola localiza-se no alto da Rua Pedro Dal Toé, no bairro Morro Estevão/Criciúma. Pesquiso com uma turma de 3º ano do ensino fundamental, com a faixa etária entre 8 a 9 anos e que possui 19 alunos sobre a regência da professora Magalli Rosso Dagostim, professora que me acompanhou na coleta dos dados junto às crianças. Escolhi esta turma, pois já tive contato com elas quando atuei na escola, e acreditando que por me conhecerem seriam mais receptivas e colaborativas, e desta forma melhor retorno para a pesquisa. Obtive a autorização da diretora da escola a Sr.^a Monica de Luca Honorato, bem como dos pais dos alunos, as mesmas foram enviadas pela professora Magali, contendo também uma explicação do que iria acontecer se os pais autorizassem a pesquisas com seus filhos. Como o retorno dos pais aconteceu com apenas 15 das crianças do grupo, conversei com todas, no sentido de não segregar, mas analiso apenas as falas daquelas crianças autorizadas pelos pais.

Em uma primeira conversa com os alunos, retomei a história das autorizações e solicitei que eles mesmos me autorizassem, além, é claro, da autorização dos adultos. Afirmei que, embora a autorização dos adultos fosse indispensável em função de uma questão legal, a pesquisa só acontece se eles também autorizassem. Todas as autorizações constam de uma contextualização da pesquisa e da assinatura das pessoas que autorizam (pais, direção e crianças), modelo em anexo. A pesquisa aconteceu na manhã do dia 27 de outubro de 2016 e entre a montagem do equipamento, fala inicial e final envolveu 1h e 15min, tive a

colaboração da Rosana Peruchi⁵, ela gravou as falas através de um aparelho de MP4, e Magali Rosso Dagostim⁶ professora regente da turma pesquisada, filmou e fotografou com auxílio de uma câmera Sony Cyber-shot 14,1 megapixels, apresentei as imagens em forma de PPT.

⁵ Bolsista do Pibid, "Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência", do qual também faço parte.

⁶ graduada em pedagogia pela UNESC pós graduada em orientação e supervisão e gestão escolar. desde 2007 atua como pedagoga na rede municipal de ensino.

2 ENSINO DA ARTE E A CULTURA POPULAR

A arte se funda na imaginação, e apenas através da imaginação seremos capazes de vislumbrar outras narrativas para o nosso passado e novos caminhos para o futuro.
Jochen Volz⁷

O ensino da arte, durante muito tempo, levava aos alunos atividades pouco criativas e muito repetitivas, mas isso vem mudando, acredita-se que ao produzir, o aluno tem a oportunidade de testar, conhecer e escolher. O PCN (2000) traz que:

A arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 2000, p.21).

A escola é o espaço que promove mudanças, possibilita escolhas e nesta perspectiva o ensino da Arte vai tomando novos rumos, segundo Pillotto (2008), “O passado não mais se configura como algo estático, é tão dinâmico quanto o presente, faz parte, interage com ele, é também presente, conferindo novas significações ao contexto contemporâneo”. Sendo assim, esse passado que tem história nos move para buscarmos novas compreensões sobre como se dá a relação do ensino da arte com as expressões regionais como foco desta investigação, sem negligenciar o esforço teórico de melhor compreendermos o ensino da arte na contemporaneidade.

2.1 O ENSINO DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

*Não há, na arte, nem passado nem futuro.
A arte que não estiver no presente jamais será arte.
Pablo Picasso⁸*

Para melhor compreendermos o ensino da arte na contemporaneidade, faço opção por trazer um percurso a partir do que relata o PCN (2000), o qual traz que no início do século XX o ensino da arte era fragmentado no ensino do desenho, trabalhos manuais, música e canto orfeônico, e estes eram considerados dons artísticos.

⁷ Curador da 32ª Bienal de São Paulo - INCERTEZA VIVA. Fonte: <http://www.32bienal.org.br/pt/exhibition/h/>. Acesso: 21/09/16 às 08h 42min.

⁸ <https://pensador.uol.com.br/frase/ODk0Mw/> Acesso em 01/12/16 às 08:54 min.

O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos códigos, conceitos e categorias ligadas a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinha em comum, sempre, a reprodução de modelos. (BRASIL, 2000, p. 25)

As produções eram extremamente técnicas, não havia experimentações artísticas espontâneas, o teatro e a dança tinham como função as apresentações festivas das escolas. Entre os anos 20 e 70, surge um movimento de renovação do ensino que foi chamado de Escola Nova, e buscava o desenvolvimento natural do aluno, valorizava a expressão livre, as experimentações. Um conceito essencial do movimento era que as escolas deviam deixar de ser meros locais de transmissão de conhecimentos e tornarem-se pequenas comunidades.

Em agosto 1971, acontece uma grande conquista para o ensino da arte na escola, foi quando ocorreu a promulgação da LDB 5.692/71 em seu Art. 7º traz que:

Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1o e 2o graus, observado quanto a primeira o disposto do Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969.

Em todo território nacional se tornou obrigatório nos currículos das escolas o ensino da Arte, mas aparece como atividade educativa, não como disciplina. Ela aparece como um auxílio para outras disciplinas. Barbosa (2003, p.14) salienta que:

[...] nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento das necessidades são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/aprendizagem que torne os estudantes aptos para aprender a Arte ou a imagem na condição pós-moderna contemporânea. (BARBOSA, 2003, p.14)

Somente com o engajamento de muitos professores essas questões começam a tomar outro rumo. E para isso devemos pensar muito além do ensinar e aprender em sala de aula. Segundo Pillotto (2008, p. 37)

Para o professor não basta mais ter o ‘domínio’ conceitual, histórico e artístico da arte. É necessária uma construção permanente, na qual os conhecimentos, identidades e consciência planetária são realimentados, no sentido de ampliar o universo do professor para outros campos de conhecimento, como os da filosofia, da antropologia, da sociologia, da

psicologia, entre outros.

Ou seja, segundo (PILLOTTO, 2008), esses conhecimentos não se restringem à disciplina específica, mas dialogam com o mundo, com o que circunda a arte, com o que nutre, sustenta suas transformações. Richter (2004, apud Pillotto, 2008, p. 38) nos diz que “precisamos de um ensino da arte por meio do qual as diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida”.

O trabalho desenvolvido pelos professores de Arte nas escolas foi se configurando de diferentes formas, passou pelo ensino mais tradicional e técnico, caminhando por metodologias contemporâneas. Recebeu um grande apoio com a criação em 1989 do Instituto Arte na Escola, na época Fundação lochpe que tem como foco a qualificação de professores de Arte, através da pesquisa-ação, e viabilizando o uso do vídeo nas aulas, além de outras proposições. O Instituto⁹: “Tem como premissa que a arte, enquanto objeto do saber, desenvolve nos alunos habilidades perceptivas, capacidade reflexiva e incentiva a formação de uma consciência crítica, não se limitando a auto expressão e à criatividade.” O Instituto passa a ser mais uma conquista, para que tenhamos um ensino-aprendizagem com cada vez mais qualidade, uma vez que ele se constitui com polos por todo o território brasileiro.

Outras questões foram somando ao que temos hoje conquistado enquanto direito, entre elas o que diz a Lei de Diretrizes e Base 9394/96 que em seu Art. 3º paragrafo II, este parágrafo, além de garantir o ensino da arte na educação, passa a considerá-lo como área do conhecimento necessária para o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nesse ensinar e aprender. Acentua, assim, as expressões regionais, o que nos ampara na busca de melhor responder ao problema desta pesquisa: Quais expressões da cultura popular são identificadas nas obras de Willi Zumblick pela fala das crianças do 3º ano da E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, essa fala aponta caminhos para melhor compreendermos o papel da

⁹ O Instituto Arte na Escola permanece em atuação até os dias de hoje, São 39 Polos presentes em 37 cidades, de 19 estados brasileiros, inclusive um Polo em nossa instituição - UNESC, unidos por um ideal: melhorar o ensino de arte no país. Fonte: <http://artenaescola.org.br/> Acesso: 21/09/16 às 10h 04min.

arte na educação na contemporaneidade?

Ana Mae Barbosa (2003, p.18) afirma que a “Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é importante instrumento para a identificação cultural e desenvolvimento pessoal”. Ainda segue enfatizando que “por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica”. Esse desenvolvimento individual se faz necessário para a formação do aluno enquanto sujeito pensante, que deve saber o seu lugar na contemporaneidade.

Convém ressaltar as mudanças significativas pelas quais o ensino da Arte vem passando no século XXI, mudanças essas que, possivelmente, trazem um maior compromisso com a cultura e com o seu legado histórico-cultural. Na contemporaneidade o ensino de arte também enfatiza o compromisso com a diversidade cultural e vem desta forma contribuir na construção das diferentes identidades. Nesse sentido contemplar a Arte Contemporânea nos possibilita reflexões e discussões sobre nós mesmos, o outro e o mundo. Ampliando um olhar sobre o ensino da arte, Buoro contribui dizendo que:

Cabe a nós, educadores, adotar a mesma postura inquieta de pensadores e pesquisadores permanentes, devendo para isso buscar formação contínua e investimento em novos conhecimentos, uma vez que só podemos ensinar aquilo que efetivamente sabemos. (2002, p. 25)

Para a autora, o professor tem um papel fundamental no ensino da Arte na contemporaneidade, pois, enquanto professor propositor, podemos ajudar os alunos a compreenderem que a imaginação – nutrida pela ampliação de repertório – pode ser representada, pode ser expressa e até interpretada dentro do conceito contemporâneo de arte. Nesta perspectiva remeto-me à Gillo Dorfles (1987, apud MARTINS, PICOSQUE E GUERRA, 1998, p.128) que nos diz: “toda a nossa capacidade significativa, comunicativa e frutiva é baseada em experiências vividas – por nós ou por outros antes de nós - , mas, de qualquer modo, feitas nossas”.

Na contemporaneidade essa criança tem acesso quase irrestrito à diferentes formas de imagens. A essas imagens do contexto da criança – ou dos sujeitos em geral – chamamos de cultura visual, imagens que fazem parte constantemente do nosso cotidiano. O contato com essas imagens influencia o

nosso modo de perceber e estar no mundo. Mitchell (2003, apud MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 41), nos diz que:

A vitalidade e o poder da imagem são evidentes através da influência que elas exercem sobre a imaginação das pessoas, configurando identidades individuais e coletivas, posições de sujeito, modos de ver, pensar e agir e, conseqüentemente, de produção e interpretação de significados.

A cultura visual tem um importante papel na vida das crianças, pois, chega até elas por diferentes meios, e contribui para seu desenvolvimento intelectual. Hernández (2007, apud MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 44), coloca que a cultura visual visa promover, “experiências que permitam aos estudantes[...] terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-históricos”. Neste contexto, o ensino da Arte na contemporaneidade amplia seu compromisso com o papel da educação do olhar, uma vez que as mudanças com relação à melhor compreender a cultura visual na qual está inserido, exigem uma educação voltada para a apropriação dessas imagens como algo que mexe com nossa maneira de ver o mundo. Roseana Martins Coelho (2010, p.120), escreve que as crianças:

Desde o início da escolarização, demonstram possuir conhecimentos e questionamentos sobre diversos temas da vida adulta, política e social, como versão das mídias sobre o ser e sobre o sentir. Os sujeitos infantis chegam a escola já possuidores de uma bagagem de vivências e de prazer com narrativas visuais, sonoras e corporais da cultura popular do seu cotidiano.

Sendo assim, podemos dizer que a criança na contemporaneidade tem uma bagagem muito ampla de informações, das mais variadas possíveis, e que estas devem ser consideradas pelo professor de Artes nas muitas possibilidades de ensino/aprendizagem. Mas dessas informações todas, quais podemos dizer que fazem parte de uma cultura regional que marca sua própria história? Como discutir questões sobre a globalização ou a banalidade de imagens que invadem o universo infantil como o desejo instigado pela mídia, como o Mac Donald's ou o desafio de danças repletas de sensualidade? Nessa pesquisa, proponho dar evidência às expressões regionais, no sentido de melhor compreender qual o papel da arte na

educação, a partir da fala das crianças. Ampliando o olhar sobre de que forma elas se identificam nesse universo de imagens, nesse cenário de tantas opções ofertadas na atualidade.

2.2 A CULTURA POPULAR: CONCEITOS E DIREITOS

*Não troco o meu "oxente" pelo "ok" de ninguém!
Ariano Suassuna¹⁰*

Para falar de Cultura Popular, do lugar de aprendiz de professora de Artes, remeto-me ao que diz a Lei Nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, já citada. No que fala especialmente em suas expressões regionais, as quais são um meio de aproximar a realidade do educando em sala de aula, ao cotidiano em que vive e fazer com que se perceba como sujeito ativo neste meio, pois como afirma Roseana Martins Coelho (2010, p.105) “A construção do eu, o processo subjetivo de constituição identitária, apresenta-se como uma constituição complexa, dinâmica, histórica, isto é, uma construção cultural”.

É nessa perspectiva que percebo o compromisso e a importância de possibilitar aos alunos o contato com as expressões regionais, pois acredito ser de grande importância que aprendam a olhar para aquilo que faz parte da sua realidade, do seu cotidiano. Laraia (2005) nos diz que:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. (LARAIA, 2005, p. 45)

O homem se desenvolve com a troca de experiências, aprende, ensina, cria e recria dentro de uma cultura que está sempre em mudança, porém estas podem ser lentas e de difícil percepção. Segundo o autor, “qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação” (LARAIA, 2005, p. 95-96). Os processos de modificação envolvem vários setores, várias classes sociais, incluindo aqui as questões das culturas populares. Oliveira (2008, p. 95) diz que “reconhece-

¹⁰ <https://pensador.uol.com.br/frase/NTk2MDE0/> Acesso em 01/12/16 às 08:57 min.

se que as culturas populares, longe de estar em decadência, prosperam, e seu hibridismo anula as divisões entre o culto, o popular e a cultura de massas”. Os alunos ao interagirem com as expressões regionais dentro do ambiente escolar vão construindo um elo com a cultura e a sociedade, essa cultura pode ser a que anteriormente chamamos de cultura popular¹¹, nesse contexto o problema¹² dessa pesquisa se mostra significativo para que possamos melhor compreender e então contemplar o que diz a Lei Nº 9.394/96.

Sabemos que o homem é um ser cultural, que produz e é produzido pela cultura. O contato com diferentes culturas amplia a capacidade de compreensão de mundo e dos sujeitos que delas tem acesso. Levar às crianças as diversidades culturais nas aulas de Artes, para ampliar esse conhecimento, é um direito que lhes cabe. Nesse sentido, o acesso às questões da arte e da cultura lhes proporciona momentos de criação, experimentação, fruição. Ampliando, assim seu repertório e sua capacidade de criação, como nos assegura um documento que trata sobre “Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização”, ou seja, defende o Ministério da Educação, que:

Criar é experimentar e experimentar-se nas diferentes linguagens da Arte e na cultura corporal de maneira autoral. A criação requer o diálogo da criança com seu repertório de experiências, saberes e fazeres, considerando seus processos de identidade e de alteridade. (BRASÍLIA, 2012, p. 126)

Proporcionar para a criança na escola, que ela desenvolva suas habilidades e amplie seu olhar para o além do fazer, para o sentir e compreender arte como área de conhecimento é um grande desafio. Nesse sentido, remeto-me à Ferraz (2009) quando nos diz que:

¹¹ As preocupações com cultura popular são tentativas de classificar as formas de pensamento e ação das populações mais pobres de uma sociedade, buscando o que há de específico nelas, procurando entender a sua lógica interna, sua dinâmica e, principalmente, as implicações políticas que possam ter. [...] a cultura popular é pensada sempre em relação à cultura erudita, à alta cultura, a qual é de perto associada tanto no passado como no presente às classes dominantes.

[...] **Entende-se então por cultura popular as manifestações culturais dessas classes, manifestações diferentes da cultura dominante.** (SANTOS, 1986, p. 54, grifo meu).

¹² Encontramos o problema na página 14 e 19.

[...]com o aprimoramento das potencialidades perceptivas das crianças, podem-se enriquecer suas experiências de conhecimento artístico e estético. E isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, ouvir, sentir, tocar, enfim perceber as situações, a natureza e os objetos à sua volta. (FERRAZ, 2009, p. 87)

Para tanto, é necessário pensar em um ensino de arte que dialogue com o que as crianças têm como repertório e sempre atribuindo novos contextos, novas reflexões, novas narrativas, para que desta forma o conhecimento artístico e estético dos pequenos seja ampliado. Ainda no texto: Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, encontro ainda, que:

Estes conhecimentos e reflexões tomam como ponto de partida as experiências das próprias crianças, e também aquelas produzidas pelos diversos povos, em diferentes épocas e locais, considerando as que se manifestam no entorno mais próximo às demais expressões brasileiras e internacionais de todos os tempos. (BRASÍLIA, 2012, p.126)

Devemos proporcionar as crianças ações educativas, que evidenciem as mais diversas manifestações culturais, possibilitando a elas “criarem” diálogos com o seu eu e com o outro, ampliando seu conhecimento de mundo. Retomando ao problema de pesquisa, a figura da criança aparece como sujeito ativo, a quem a pesquisa se propõe ouvir. Mas porque ouvir as crianças? Quais os indicativos que elas poderiam trazer? Em Rocha (2008), encontro algo que auxilia nessa compreensão, ou seja, para a autora:

A ênfase na escuta justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação, para a comunicação e troca cultural. Tal legitimação da ação social das crianças resulta também de um reconhecimento e de uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais – de provisão, proteção e participação. (2008, p. 46)

Dessa forma ao trazer a criança para participar da pesquisa busco reconhecer um ponto de vista diferente do qual nós adultos temos, perceber através de suas falas o que elas sentem, fazem e pensam sobre o mundo que as rodeia, e nesta perspectiva, perceber se reconhecem e conseguem identificar nas obras de Zumblick, algumas das expressões regionais da cultura popular presentes no seu cotidiano. Rocha (2008), traz ainda, que

“Ouvi-las” interessa ao pesquisador e ao educador como forma de conhecer e ampliar sua compreensão sobre as culturas infantis – não só como fonte de orientação para a ação, mas sobretudo como forma de estabelecer uma permanente relação comunicativa - de dialogo intercultural – no sentido de uma relação que se dá entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais.

Nesse sentido, busco ampliar o saber a partir do saber da criança, um saber que fala do que a nutre, do que vive e compreende. E um próximo passo é melhor compreender a arte e a cultura nessa relação com a criança com as quais trabalhamos.

3 ARTE E CULTURA

*Cultura são mãos empoeiradas, pés rachados no chão árido, seco, mas com uma
Esperança de que tudo vai melhorar.
Cultura são mãos calejadas da roça, sofrida, da criança brincando de esconde-
esconde, de bolinhas de gude, de pião, arrastando a bunda no chão, das roupas
rasgadas, mas feliz com apenas um pedaço de pão.
Márcio Meirelles¹³*

A arte e a cultura, como falar de uma sem considerar a outra? Como tratar de vida e de arte sem remetermo-nos a questões presentes ativamente nas transformações ocorridas no mundo? Nesse sentido Cabral (2004), salienta que:

A arte necessita ser conhecida e compreendida por crianças, jovens e adultos, como linguagem que desperta a emoção, inspira a imaginação, a sensibilidade e o pensamento, refletindo a complexidade de diferentes culturas. E quanto mais cedo as crianças tiverem acesso aos conhecimentos das diversas linguagens artísticas, mais cedo estarão preparadas para melhor compreender, fruir, valorizar e apreciar a arte. (CABRAL, 2004, p.26)

O conhecimento em arte amplia nosso olhar e passamos a ver o mundo de uma forma onde respeitar e valorizar ainda mais as diversas culturas se fazem presentes em nossas vidas. Porém, falar sobre a cultura, ou melhor, culturas e seu significado não é uma tarefa simples, isso nos faz refletir sobre a questão do próprio conceito de cultura. Trago a partir de Laraia (2005, p. 25), a primeira definição do que seria cultura:

No final do século XVIII e no principio do seguinte o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente as realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832 -1917) no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2005, p. 25).

Tylor (1871 apud LARAIA, 2005, P. 37), definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética. Kroeber (1950, apud LARAIA, 2005, p. 38), reforça falando que: “Os seus

¹³ Secretário Estadual de Cultura da Bahia 2007-2011, texto extraído da II Conferência Estadual de Cultura.

comportamentos não são biologicamente determinados. A sua herança genética nada tem a ver com as suas ações e pensamentos, pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado”.

Desta forma podemos dizer que o homem se faz na cultura da sociedade onde está inserido independente de onde ele tenha nascido. Santos (2008,p.24), afirma que existe duas concepções de cultura, “A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social.” O autor através desta concepção traz que cultura diz respeito à tudo aquilo que caracteriza a existência de um povo. E segue falando da segunda concepção: “Quando falamos de cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como se manifestam na vida social”. (SANTOS, 2008, p. 24).

Santos se refere a uma totalidade de características, pois, não se pode falar em conhecimento, ideias e crenças sem pensar na sociedade a que estas se referem. Desta forma uma concepção está intimamente ligada à outra, completando-se. E para entendermos melhor essa relação da cultura com a sociedade, Certeau (2001) enfatiza:

A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais (docentes, profissionais liberais), ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos (2001, p. 103-104).

Podemos dizer a partir de Certeau (2001), que a educação não monopoliza mais a cultura, cada indivíduo recebe inúmeras referências culturais, e sua cultura sendo instável sofre mutações e se dá a multiplicação da cultura, o que o autor chama de culturas. Nesse sentido, ouvir as crianças é ampliar uma escuta para melhor compreendermos essas múltiplas possibilidades de pensarmos a ideia de uma cultura não estanque.

3.1. DE QUE CULTURA ESTOU FALANDO?

*Quem possui uma cultura própria e se exprime através dela, é livre e rico.
Pier Paolo Pasolini (s/d, In: KRAMER e LEITE, 2007)*

Como tratar a cultura sem considerar a cultura que me nutre? Aquela que impulsionou esta pesquisa, ou seja, a cultura presente nas brincadeiras de criança,

nas rodas de conversa, nas festas religiosas; da cultura que presenciei desde cedo, a cultura popular. Trago para esse diálogo Ortiz (2000, p. 6), no que diz: “A cultura popular é considerada como reduto da essência nacional; na luta contra a invasão e a colonização estrangeira, ela seria uma espécie de alimento na constituição da autenticidade nacional.”

Ortiz diz que a cultura popular é a base para a formação da identidade nacional, e a base dessa cultura é influenciada pelas crenças e costumes do povo, e é formada através do contato entre os indivíduos de certas regiões, podendo envolver música, literatura, gastronomia dentre outros. Na cultura popular existem muitas tradições, e o povo aparece como o detentor de um saber, saber esse que compõe a identidade nacional.

O que vemos é que o novo não vem para sucumbir o que já existe. Canclini (2003, p. 239) também vem afirmar que: “nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernização”, essa tradição pode se relacionar com a modernidade, em benefício às culturas, e enriquecendo ainda mais a identidade nacional.

A cultura popular, para adentrar nessa modernização a que Canclini sugere, tem a necessidade de reinventar, recriar e ressignificar o seu saber e o seu saber-fazer, e mostrar que seu universo vai além da conservação, preservação ou resgate, que ela pode ser também contemporânea. Nesse sentido, Canclini diz que:

A evolução das festas tradicionais, da produção e venda de artesanato revela que essas não são mais tarefas exclusivas dos grupos étnicos, nem sequer de setores camponeses mais amplos, nem mesmo da oligarquia agrária; intervêm também em sua organização os ministérios de cultura e de comércio, as fundações privadas, as empresas de bebidas, as rádios e a televisão. Os fenômenos culturais folk ou tradicionais são hoje o produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. (2003, p. 220)

A cultura popular está cada vez mais difundida, isso está sendo feito de diversas formas e por diversos órgãos envolvidos, o que mostra que a pesquisa vem somar a estes, no sentido de que levar a cultura popular às crianças, mostrando sua importância é algo que se faz necessário para que as mesmas conheçam, enquanto se reconhecem em diferentes movimentos e vivências populares, e que estas podem fazer parte de suas vidas na contemporaneidade. Quando falo de cultura popular

estou buscando entender a cultura popular de que a LDB defende, enquanto direito. Trazer o que cerca estas questões é o que proponho quando no próximo subcapítulo: Entre penas e pincéis, abordo as obras de Zumblick, as quais escolho para provocar a fala das crianças.

3.2 AS EXPRESSÕES REGIONAIS - ENTRE PENAS E PINCÉIS

*Se pouco ou nada em troca eu possa dar...
Meu nome, gravado por artífice do Saber,
tenham certeza que aqui sempre vou estar,
mesmo que a morte interrompa este meu querer...
Willy A. Zumblick (In NUNES,2013).*

Para falar de expressões regionais, caminho pela arte; caminho com as penas e pincéis: material que move as mãos de um artista que buscou retratar as expressões de um povo simples e alegre. Willy Alfredo Zumblick, artista catarinense, nascido em Tubarão, em 26 de setembro de 1913. Seu pai era relojoeiro. Encontro em Nunes (2013, p.14) um dizer que, “muito jovem, aprendeu com o pai a difícil arte de consertar relógios, e a lidar com lentes, armações, blocos e laboratório ótico.” Mas mesmo trabalhando, ampliou sua educação. A autora afirma que Zumblick em entrevista para seu livro, comenta:

Frequentei o Colégio São José. Foi aí que a minha pintura começou a tomar forma. Irmã Isadora não me dava descanso. Eu tinha o privilégio de desenhar no quadro negro. Os meus quadros eram mostrados como exemplo aos demais alunos da classe. Assim, aos poucos fui crescendo e comigo minha arte.(NUNES, 2013, p. 15)

Zumblick teve como único mestre, o pintor alemão, Frederico Guilherme Lobe, segundo Nunes (2013), o pintor foi contratado pelo vigário da paróquia de Tubarão, para pintar seis painéis com figuras e passagens bíblicas, e durante o período que trabalhava na pintura, Zumblick foi seu auxiliar e aprendiz. Nunes (2013), fala que Lobe acompanhava e incentivava Zumblick em sua carreira, e em uma carta escrita em 1947, Lobe expressou esta admiração pelos quadros do catarinense.

[...] os quadros são feitos em baixo de uma perfeita observação com tanto e delicado humorismo e uma técnica admirável. Tu enxergas a natureza com cores que só Deus sabe dar a gente. As tuas corajosas pinceladas entusiasmaram-me bastante e só sinto que não posso explicar melhor na

Língua Portuguesa. Se eu pudesse escrever-te em minha língua, diria tudo o que sinto e penso a teu respeito. Vejo que meu aluno e colega está no caminho para a glória e faço votos que nunca deixarás esta sublime arte que eleva tanto a gente e educa...(NUNES, 2013, p.17)

Zumblick transfere para as telas sua história, afirmando sua identidade catarinense, demonstrando seu respeito e entusiasmo pela sua cultura, de manifestações marcantes. Nas palavras de Nunes(2013, p.48):

As manifestações mais significativas da cultura popular, suas peculiaridades e especificidades regionais inspiram Willy Zumblick a pintar, com riqueza de detalhes, abundância de cores, luminosidade e sensibilidade, os costumes, as tradições, as paisagens, o cotidiano e os tipos humanos, componentes do imenso mosaico étnico-cultural resultante do encontro de povos que aqui construíram seus sonhos e investiram no futuro, partilhando saberes e fazeres, na vivência pacífica das diferenças.

Durante sua vida Zumblick procurou mostrar através de um estilo inconfundível as Bandeiras do Divino, O Contestado, Aspectos da História Catarinense como A Saga de Anita Garibaldi, A Cultura Popular, e Retratos e Caricaturas. Zumblick em sua história de vida e de arte sempre almejou o desenvolvimento de sua cidade natal. Segundo Nunes (2013, p. 64), em junho de 1986, uma nota no Jornal O Estado, de Florianópolis trazia que: “O pintor não apenas pinta, é um membro atuante de sua cidade, líder de centenas de causas. Mesmo que por infelicidade não pintasse nada, seria um dos homens mais importantes de sua geração”. Um artista que trouxe para a suas obras o que mais dava valor, que era o cotidiano de sua cidade, e isto fez dele um celebre cidadão catarinense.

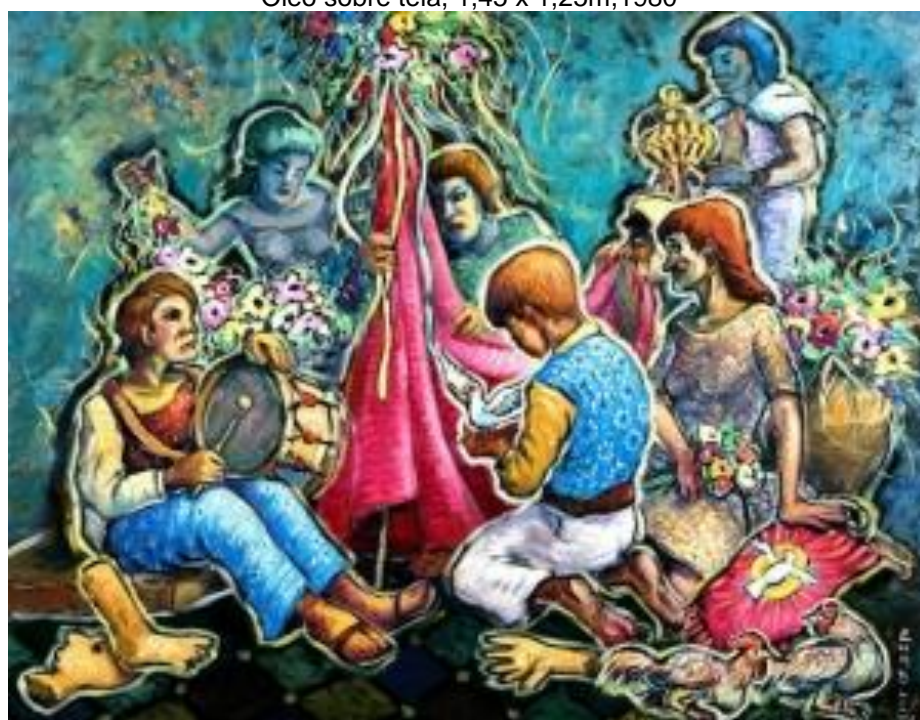
Por ser um artista preocupado em imortalizar em suas telas uma narrativa que fala dos hábitos e dos fazeres do povo, de suas vivencias diárias, de seus costumes religiosos, e que o faz com tanta ternura que Willy Zumblick veio enriquecer minha pesquisa.

Faço opção por provocar a fala das crianças a partir de 3 pinturas de Zumblick. O desafio de ouvi-las é o que me move. As obras apresentadas às crianças do 3º ano da E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, foram escolhidas pela identificação que tive com elas a partir de minha própria infância.

Dentre elas trago a Bandeira do Divino Espírito Santo (1980), esta obra me faz lembrar um pouco do que acontecia na comunidade onde eu morava quando

criança, um lugar chamado de Água Branca no interior do município de Jacinto Machado, lá as pessoas eram muito envolvidas nas questões da religiosidade, a grande maioria eram católicos, os membros da comunidade se preparavam para a visita da Bandeira do Divino Espírito Santo. E para nós crianças, tudo o que envolvia esta manifestação da cultura popular como as cantorias e rezas nos parecia mágico.

Figura 01 – Bandeira do Divino Espírito Santo
Óleo sobre tela, 1,45 x 1,25m, 1980



Fonte: Zumblick– uma história de vida e de arte

O que vemos nesta imagem? De que forma ela nos toca? Quais os sentidos que desacomoda? Esta obra traz a imagem de sete pessoas, em torno de uma bandeira, vermelha, que tem em seu topo várias fitas coloridas penduradas em seu mastro, cada pessoa parece ter em suas mãos algo a ofertar, como flores, uma pomba, uma coroa e uma delas está tocando um tambor. Na imagem aparecem duas galinhas, talvez seja uma oferenda, vejo também um pé, uma mão e uma cabeça soltas na parte inferior da obra. As pessoas retratadas parecem preocupadas, com exceção de uma figura feminina que aparentemente sorri, e esta traz em uma das mãos uma bandeira menor com a imagem de uma pomba, que representa o Espírito Santo.

Outra fato que acontecia também em minha comunidade, e que Zumblick retrata em suas obras, é o folguedo do Boi de Mamão. O folguedo presente na Festa em honra a Nossa Senhora da Consolata, padroeira da comunidade, esta festa acontecia em dois momentos bem significativos, o primeiro que era no sábado à noite, quando era feita uma procissão com a imagem da santa padroeira, esta saia da casa de um dos festeiros, até a igreja, lá era realizada uma celebração e após havia uma comemoração. Nesse momento que as pessoas eram surpreendidas pelos personagens do Boi de Mamão.

No domingo costumava acontecer a missa e após era feita a escolha para os novos festeiros do próximo ano, e todos torciam para que os escolhidos fossem pessoas que tivessem influência para nos presentear com a brincadeira do Boi de Mamão no próximo ano.

Figura 02 – Boi de Mamão
Óleo sobre tela, 1,40 x 1,30m, 1982



Fonte: Zumblick – uma história de vida e de arte

Nesta obra vejo ao fundo a imagem de várias pessoas, mas uma se destaca tocando uma gaita. Vemos também a Maricota, ao seu lado o boi sendo

apunhalado pela figura de um homem, e cavaleiro montado no cavalinho que parece observar o acontecimento, juntamente com a cabrinha. E em um primeiro plano encontra-se a Bernúncia, figura que se parece com o dragão das festas chinesas.

A terceira imagem que escolho e levo para as crianças do 3º ano da E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, é intitulada Bandeira do Divino Espírito Santo na Cantiana Abramo Silvestre, escolho essa pois ela traz um carro de bois, e era um meio de transporte, uma forma como as pessoas da comunidade transportavam suas colheitas, e muitas vezes também era utilizado para que as pessoas se deslocassem até as comunidades vizinhas. Para nós crianças daquele tempo e lugar, era uma diversão poder acompanhar nossos pais, andando de carro de bois.

Figura 03 – Bandeira do Divino na Cantiana Abramo Silvestre – Azambuja – 1982



Fonte: <http://arlanalvessc.blogspot.com.br/2014/06/espaco-cultural-willy-zumblick-e.html>

Vejo nesta pintura de Zumblick, ao fundo uma linda casa, com uma escadaria enorme, e em seu topo uma criança amparada por um adulto. Na sacada

tem seis pessoas observando um cortejo feito por três pessoas que trazem uma bandeira vermelha, tendo uma pomba pintada no centro, representando o Divino Espírito Santo, uma dessas pessoas do cortejo esta tocando um tambor. Na frente da casa tem a figura de três pessoas que também observam a passagem do cortejo. À sua frente estão passando dois carros de boi, sendo guiados por uma pessoa. E mais adiante uma outra figura masculina tendo em suas mãos dois cestos de flores, está também observando a chegada da bandeira. No canto superior à direita observa-se as pontas de galhos de uma árvore, talvez seja um ipê-roxo, magnifico. Faço opção por três imagens acreditando que elas possam provocar as falas das crianças - a partir de uma mediação e ainda, que essas falas provocadas possam dizer de suas vivências, suas experiências, suas culturas. Será que as crianças do 3º ano da E.M.E.I.E.F Núcleo Hercílio Luz, se identificarão com essas imagens?

4 INFÂNCIA E CULTURA

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo,
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras lia a história de Robinson Crusóe
Comprida história que não acaba mais (...)
Eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóe .
Carlos Drummond de Andrade*

Assim como Carlos Drummond de Andrade fala em seu poema, minha infância se configurou em uma infância tão linda, rodeada por uma cultura muito rica, onde podia passar o dia em um engenho de açúcar, em uma tafona de milho, ou acompanhar o padre em missão pela comunidade. Lembro-me que em todos esses lugares, nós, as crianças, éramos sempre ouvidas e também escutávamos muitas histórias. Nas palavras de Martins e Tourinho (2010, p. 37): “Crianças sempre existiram e fazem parte da história, da tradição, das narrativas sociais, religiosas e educacionais de diferentes culturas e povos”. Conhecer a infância é o primeiro passo para estabelecer um diálogo mais próximo com esses sujeitos produtores e consumidores de cultura, M^a Isabel Leite (1998), relata:

Se a cultura e a expressão da criança fossem valorizadas em sua singularidade e compreendidas em sua totalidade como inseridas na cultura da humanidade, se cada criança, desde a mais tenra idade, pudesse ser vista e respeitada como um sujeito com vida, afetiva, histórias vividas e experiências a intercambiar, poder-se-ia fazer circular as diferentes manifestações culturais de modo que fossem reapropriadas por todos. (LEITE, 1998, p. 148-149)

Devemos defender que a criança deve ser ouvida e respeitada em suas escolhas, pois ela é um sujeito inquieto, e através de suas inquietudes que vai transformando as vivências do cotidiano. Além de que ela – a criança – é um ser de direitos. Leite (1998, p. 143) argumenta:

A criança, com seu desejo de busca, seu impulso pelo saber, sente-se incrivelmente atraída pelos restos de construções, pelos rastros. Como detetive guiado pela emoção, ela vai descortinando o mundo em que está inserida, transformando-se e transformando-o.

A criança está em constante procura, sempre desvendando mistérios, sempre produzindo algo, e é nesse momento que narra suas experiências. Pereira e

Souza (1998, p. 28) apontam que: “[...] a infância é, no entanto, depositária em potencial de algo que irá se revelar no futuro, ou seja, o modo como nos tornamos dotados de razão”. E até que esse futuro se configure seu repertório vai sendo construído e quanto mais acesso às manifestações culturais maior será esse conhecimento. Encontro nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI, que a criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

A criança antes de tudo é um ser histórico e social, que desde muito cedo mostra que tem preferências e gostos, demonstrando essas atitudes através de suas ações, e neste sentido vai construindo um universo que é só seu. Barbosa (2007, Apud MARTINS e TOURINHO, 2010, p. 192), pontua que: “a infância não é singular nem única, mas vivida de modos diferentes nos variados tempos e espaços”. Na infância podemos encontrar as diversidades e as desigualdades da sociedade contemporânea. Segundo Becker (2010, p. 90) ,”Muitas situações que vivemos na infância se transformam em imagens recordatórias”. As imagens destinadas às crianças tem um papel fundamental em sua formação, e as recordações são muito importantes para o desenvolvimento do sujeito.

A criança é um ser muito crítico, pois ao receber uma imagem conforme nos relata Becker (2010, p.92), “elas assistem, consideram e absorvem, comparam, ressignificam ou descartam informações, de acordo com o que desperta ou não o seu interesse”. Tudo que envolve o mundo da criança tem muita importância para elas, tudo o que encontram pelo caminho por mais simples que seja, sempre terão algo para falar sobre. Benjamin (2000, p.39), ressalta que:

Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olha índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continuam a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, e já é caçadora. Caça os espíritos cujo rastro fareja as coisas; entre espíritos e coisas ela gasta

anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixá-la, desenfeitá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar...

E neste contexto Kramer (2007, p.36), salienta: “Assim, Infância remete à fantasia, à imaginação, à criação, ao sonho coletivo, à história presente, passada e futura”. No movimento desta pesquisa, busco na fala das crianças, melhor compreender qual significado e importância ela dá para a Cultura Popular, foco desta pesquisa e levada a elas através de três imagens de obras do pintor catarinense Willy Zumblick.

4.1 O QUE DIZEM AS CRIANÇAS

*Conhecer não é demonstrar nem explicar, é aceder à visão.
Antoine de Saint-Exupéry*

*As coisas que não têm nome são mais pronunciadas
por crianças.
Manoel De Barros¹⁴*

Para falar das possibilidades sobre o diálogo com as crianças pesquisadas, remeto-me a Larrosa (2003, Apud Martins e Tourinho, 2014, p. 366) que traz

Nunca se sabe aonde uma conversa pode levar [...] uma conversa não é algo que se faça, mas algo que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto[...] e essa é a maravilha da conversa[...] que nela, pode-se chegar a dizer, o que não sabia dizer, o que não se podia dizer[...]

Larrosa aponta que uma conversa sempre terá um bom fechamento, independe se para ambas as partes. A conversa com as crianças do 3º ano da E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz não foi diferente, acredito que se fizeram sujeitos ativos e que trouxeram muitas contribuições a esta pesquisa, pois sabemos que nossas experiências e o convívio com outras pessoas de diferentes culturas fazem

¹⁴ <http://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/> Acesso em 01/12/16 às 09:05min

com que possamos aprender ainda mais. Segundo Campos e Francischini (2008, p. 108), “[...] a criança pode produzir discursos sobre si mesma, sobre o(s) outro(s) e sobre os eventos, de forma que possa existir a partir de seu próprio discurso, de sua maneira própria de ver e pensar”.

Neste sentido ao pesquisar com essas crianças e compreendê-las como sujeitos ativos no processo de socialização em que estão envolvidos é fundamental. É por esta razão que busco não somente a valorização das falas dessas crianças, mas principalmente , compreender qual sua visão sobre temas como a cultura popular.

De acordo com Silvia Helena Vieira Cruz (2008, p. 13), que: “Buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas.” As crianças estão sempre tentando nos falar algo, senão por palavras, por gestos, ações, desenhos. Cruz, destaca:

[...] desde a mais tenra infância, nas interações sociais, as pessoas vão somando impressões, gostos, antipatias, desejos, medos, etc., desenvolvendo sentimentos e percepções cada vez mais diversificados e definidos, atribuindo significados, construindo a sua identidade. (2008, p. 13).

Ao ouvir a criança, estamos contribuindo a seu favor para que mudanças aconteçam e que tragam benefícios em várias áreas de sua vida, e isto reverte para que ela viva plenamente sua infância sem que seja privada de seus direitos.

5 EXPONDO E ANALISANDO OS RESULTADOS

*As pessoas crescidas têm sempre necessidade de explicações...
Nunca compreendem nada sozinhas e é fatigante
para as crianças estarem sempre a dar explicações.
Antoine de Saint-Exupéry*

Relato o encontro com as crianças para a coleta de dados, um momento em que falaram de suas experiências e que aqui vou expando e analisando o que aprendi com elas. Iniciei falando sobre a autorização que já haviam levado para os pais, mas que elas também iriam assinar, pois era importante que elas também autorizassem, suas falas, elas ficaram muito felizes. Três alunos que os pais não haviam autorizado, não assinaram as autorizações. Um quarto aluno disse que não gostaria de participar. Estes quatro alunos também estavam presentes durante a coleta de dados. Porém em momento algum se pronunciaram. A abordagem foi na sala deles, acreditando que ali ficariam mais a vontade. A professora regente da turma também permaneceu durante a coleta. Em seguida parti para a pesquisa, e com a ajuda de um PPT mostrei a imagem de um autorretrato do artista Willy Zumblick, e perguntando se já haviam visto esta imagem todos responderam que não.

Ao falar que ele é um artista catarinense e que vivia em uma cidade chamada Tubarão, a maioria disse que já ouviu falar nesta cidade e uma criança disse que sua avó mora lá. Falei que na cidade de Tubarão existe um museu, com muitas obras deste artista, perguntei se sabiam o que era museu? A maioria disse que sim. Na figura 04, evidencia-se o momento em que, em sala de aula estávamos dando início a coleta de dados, a professora Magali estava filmando e fotografando e a pibidiana Rosana estava gravando as falas. Os alunos permaneceram em seus lugares, com exceção de seis alunos que foram remanejados, para que os três que os pais não autorizaram as falas e imagens ficassem juntos, tomando assim um cuidado para que não aparecessem em nenhuma imagem.

Figura 04 - Interagindo com os alunos



Fonte: Acervo da pesquisadora

A figura 05 mostra um dos momentos em que as imagens estavam sendo socializadas , e como podemos observar, as crianças estavam atentas, durante toda a abordagem elas se mostraram interessadas e ouviam com atenção minha explanação e a fala dos colegas.

Figura 05 – Socializando as imagens



Fonte: Acervo da pesquisadora

Quando mostrei a primeira imagem selecionada para pesquisa, a Bandeira do Divino Espirito Santo, perguntei o que estavam vendo na imagem:

Figura 06 – Bandeira do Divino Espírito Santo
Óleo sobre tela, 1,45 x 1,25m, 1980



Fonte: Zumblick– uma história de vida e de arte

Com o objetivo de ouvir as crianças, fui provocando-as com perguntas que muitas vezes ficaram direcionadas e dentro de uma ansiedade por respostas acabo atropelando a figura da pesquisadora e trazendo uma postura de professora, muitas vezes induzindo respostas não tão espontâneas. O diálogo abaixo vai trazer um pouco do que aconteceu:

Eloah: Tem pessoas, animais, mãos, pés soltos;

Felipe: pessoa, flores, instrumentos musicais;

Maria Luiza: Pessoas, animais;

Ao perguntar o que pensam que está acontecendo? Entendi aqui que as crianças apenas descreviam os elementos visuais da imagem, precisava de mais, queria ouvi-las sobre algo mais.

Felipe: Acho que esta acontecendo um carnaval;

Ninguém mais quis falar, apenas ficaram olhando para a imagem.

Ao perguntar se já haviam visto algo parecido, na TV, ou livro;

Todos disseram que não.

Quando perguntei se gostariam de estar ali.

Todos disseram que não gostariam.

Perguntei o porquê, e falaram que dava medo

Menos o Felipe.

Felipe: Eu não tenho, mas não gostaria de estar ali.

Acredito que a imagem causou um impacto, percebi pelos olhares, que não se sentiram a vontade, que ela lhes causou apatia ou quase um desconforto por, talvez não terem se reconhecido na imagem. Sobre isso Ferraz(2009, p.66), enfatiza que:

É na vivência cotidiana e os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, coragem, medo, acolhimento, rejeição, beleza, feiúra etc. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com as pessoas e sua ambiência .

Partindo do que Ferraz nos traz e de que somente algumas crianças falaram durante o processo de coleta de dados, posso concluir que é somente através da vivência com as manifestações da cultura popular que a criança poderá se expressar a respeito do assunto. Penso ainda que, com uma abordagem mais próxima, que nos colocasse em uma posição mais horizontal: adulto e crianças, talvez elas pudessem trazer referências de experiências que foram suscitadas pela imagem da bandeira do divino e não necessariamente a manifestação estampada na tela. Fiquei tomada de curiosidade, ainda que com uma ansiedade quase incontrolada, fui buscar uma participação maior com a próxima imagem. Passei, assim, para a segunda imagem a do Boi de Mamão (Fig. 07).

Figura 07 – Boi de Mamão
Óleo sobre tela, 1,40 x 1,30m, 1982



Fonte: Zumblick – uma história de vida e de arte

Eloah: é o Boi de mamão

Eu sempre tinha que ficar perguntando, as crianças não falavam sem que fossem questionadas. E desta forma continuei, perguntando se já haviam visto esta imagem antes

Felipe: Eu fui no museu e tinha uma imagem parecida com essa;

Nicoli: Vi em uma cidade, em uma festa junina, era uma apresentação;

Felipe: Eu fui a uma apresentação, “Fui engolido por esse dragão”. Se referindo a Bernuncia. E completou: “ Eu fui o boi de mamão”. E continuou falando: “Lá no ginásio todo ano tem uma festa e que tem a apresentação do boi de mamão”.

Uma das crianças não autorizadas para participar da coleta de dados, relata: Eu já vi uma apresentação do Boi de Mamão, duas vezes, aqui na escola. Achei pertinente trazer esta fala, pois a criança relata que a escola costuma fazer a apresentação do Boi de Mamão. As demais crianças escutaram com atenção o relato do Felipe, mas não se pronunciaram, vejo que realmente não haviam tido nenhuma experiência que os fizesse lembrar do que trazia a imagem. Quando perguntei se gostariam de estar ali naquela, de participar do que estava acontecendo.

Pedro: Eu não gostaria de estar ali.

Os demais disseram que gostariam de estar ali. Sigo então com meus questionamentos, tentando desta forma obter mais informações, e pergunto o que elas veem na imagem.

Eloah: Pessoas festejando o boi de mamão, pessoas fantasiadas, felizes.

As demais não quiseram falar, penso que nunca tiveram a experiência como a Eloah, Felipe e Nicoli, que de uma forma ou de outra já presenciaram essa manifestação. E para melhor compreender que a criança sofre as influências do meio, venho amparar-me em Faria e Salles (2007, p. 45), quando dizem que ela – a criança –:

[...] constrói uma história pessoal, que vai se fazendo na cultura familiar e que se define em função da classe social de sua família, do espaço geográfico que habita, da cor de sua pele, do sexo a que pertence das especificidades de seu desenvolvimento e das vivências sócio cultural que tem em função desses fatores. Sua história se constrói através de seus pares produzindo uma cultura da infância, constituída por idéias, valores códigos próprios, formas específicas de compreensão da realidade, que lhe permitem não apenas reproduzir o mundo adulto, mas resignifica-lo e reinventá-lo.

E esse mundo que a criança “resignifica” e “reinventa” pode ser muito valioso para seu desenvolvimento. Nós os adultos, ou melhor dizendo, nós os professores, devemos sempre levar a essas crianças diferentes momentos/formas de representações culturais. Assim, estaremos possibilitando para que ela possa construir seu próprio repertório imagético e cultural. Mas, muitas vezes, temos que fazer escolhas do que levar para ampliar esse repertório. Nossos critérios não são os mesmos das crianças, conhecê-la é fundamental para que possamos contemplar o que é dela por direito: o acesso ao conhecimento.

Passo então para a terceira imagem.

Figura 08 – Bandeira do Divino na Cantina Abramo Silvestre – Azambuja – 1982
Óleo sobre tela 1,40m X 1,00m



Fonte: <http://arlanalvessc.blogspot.com.br/2014/06/espaco-cultural-willy-zumblick-e.html>

Os alunos Eloah e Felipe já estavam com as mãos erguidas para falar. Sempre muito participativos durante a coleta de dados. E desta vez falaram:

Eloah: Também é a festa que tínhamos falado antes, porque ali tem a bandeira. Tem pessoas ali que estão felizes, pessoas com flores, e árvores bem bonitas;

Felipe: Pessoas trabalhando, bandeira, pessoas observando lá na casa; perto da bandeira tem a pombinha branca.

Questionei onde vocês pensam que aconteceu isso? E somente uma criança falou.

Eloah: No mesmo lugar que aconteceu os outros.

Acredito que ela tenha notado algumas coincidências nas três imagens. Mas no momento não percebi, agora refletindo, penso que poderia ter questionado ela sobre isso. Ao perguntar se já viram algo parecido.

Carlos: Já vi dois bois puxando uma carroça; aqui perto da escola.

Felipe: Meu pai tinha dois bois e uma carroça, eu sempre andava de carroça, e as vezes eu que domava os bois na roça de fumo.

A Gabriela então colocou:

Gabi: Eles estão todos descalços.

Perguntei se ela não andava descalça.

Gabi: Não, nunca ando.

Felipe: Eu sempre ando descalço e minha mãe pergunta se eu não tem chinelo.

Então o Pedro ergue a mão, e me surpreende, pois ele estava prestando muita atenção, e fala sobre o que eu havia questionado.

Pedro: Eu gostaria de estar ali, porque gosto de andar de carroça. E completa dizendo: Quando eu vou lá pro Rio Grande do Sul eu sempre ando de carroça.

Eloah: Eu gostaria de estar ali porque parece um lugar que tem muita paz, bonito lá.

Felipe: Eu gostaria de estar ali porque aquela árvore parece muito boa pra subir.

Observo que as crianças que não se mostraram ativamente na pesquisa, são aquelas que não tem conhecimento prévio sobre o assunto, são aquelas que realmente nunca haviam visto aquele tipo de expressão. Fica nítido que o que é representado nas imagens são mais evidenciados em alguns locais, como podemos observar na fala do Felipe, que mora em uma cidade vizinha o município de Sombrio, e que vem todos os dias para Criciúma devido ao trabalho de seus pais, por esse motivo estuda na E.M.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz. Filipe traz uma contribuição significativa para a pesquisa nos contando vários acontecimentos da sua região, o que provocou a fala de alguns de seus colegas. A aluna Eloah também se mostrou com um vocabulário que revelou conhecer detalhes nas imagens que outros não citavam.

6 PROJETO DE CURSO - CULTURA POPULAR E AS AULAS DE ARTES

6.1 CARGA HORÁRIA

20 h/A

6.2 PÚBLICO ALVO:

Professores de Artes.

6.3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa evidenciou a cultura popular e suas expressões. Nesse sentido busco desenvolver um projeto de formação continuada aos professores de Artes, para oportunizar uma maior compreensão sobre o assunto, ampliando possibilidades para se trabalhar com essa proposta em sala de aula. Baseando-me na LDB nº 9394/96, que no parágrafo 2º do art. 26 que traz: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Amparada na lei e por acredito ser preciso retomar o gosto pelas coisas da nossa terra e conhecer a cultura dos demais é que trago esta proposta.

6.4 OBJETIVO GERAL:

Proporcionar aos professores de Artes maior compreensão sobre a cultura popular e suas expressões ampliando as possibilidades para se trabalhar com essa temática em sala de aula.

6.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- conhecer um pouco da obra de Willy Zumblick, Eli Heil e sua colaboração para evidenciar a cultura popular;
- Conhecer as mudanças ocorridas na LDB no que se refere ao ensino da arte e suas relações com as expressões regionais;
- Reconhecer a importância da cultura popular nas aulas de Arte;

- Contribuir para a ampliação do conhecimento dos professores em relação à cultura popular e suas expressões;

6.6 CONTEÚDOS:

Willi Zumblick - Eli Heil - Cultura Popular - Ensino da Arte.

6.7 DESENVOLVIMENTO/METODOLOGIA

1º ENCONTRO - 4h/a

- Apresentação do projeto de curso evidenciando suas contribuições para o ensino da Arte;
- Materiais de pesquisa e banco de imagens dos artistas Willi Zumblick, Eli Heil.

2º ENCONTRO - 4h/a

- Através de textos, artigos e da própria LDB, discutir sobre as mudanças ocorridas no ensino da Arte.

3º Encontro - 4h/a

- Convido para ministrar uma palestra sobre Expressões da cultura popular, em especial sobre o Boi de Mamão da UNESCO a Professora Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva;
- Em seguida uma conversa sobre a palestra, pontos mais importantes.

4º Encontro – 4h/a

- A partir da palestra proponho a realização de planos de aulas a serem desenvolvidos em sala de aula.
- Comunico que no próximo encontro todos deverão socializar seus planos e resultados, devendo levar uma das produções de seus alunos para a apreciação dos demais colegas.

5º ENCONTRO - 4h/a

- Em um primeiro momento iremos montar uma exposição com as produções;
- Em seguida cada professor terá um tempo para socializar seus planos, identificando os pontos positivos e negativos desta proposição;

- Iremos apreciar as produções; e em seguida proponho que falem sobre as que gostariam de propor a seus alunos, quais mais chamaram a sua atenção.

6.8. REFERENCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed São Paulo: Cortez, 2003. 184 p

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 117 p.

NUNES, Lelia Pereira da Silva. . **Zumblick: uma história de vida e de arte**. Brasília: Senado Federal, 2013. 180 p.

SANTOS, Jose Luiz dos. . **O que e cultura**. 9 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, [198-]. 89 p. (Primeiros Passos 110)

7 UMA PAUSA - HORA DE REFLETIR

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade... Seja como for, para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais...
Walter Benjamin

Acredito que com a pesquisa eu quis resgatar o que vivi em minha infância, e para tanto quis saber se as crianças tem o acesso a essas manifestações que foram tão importantes para mim. Mas não o fiz sem que tivesse a certeza que isso era um direito que lhes cabia. Fiquei mais motivada ainda ao perceber que é possível, que elas venham a se interessar por essas manifestações, por se mostrarem abertas e atentas ao que os colegas falavam. Agora sei que quando estiver exercendo meu papel de professora poderei compartilhar com eles uma cultura muito rica e que sou apaixonada, a Cultura Popular.

Durante a pesquisa tive um contato mais próximo à autores que me deram um norte e que pude assim ver com maior propriedade como a arte é vista e sua importância para a formação do indivíduo. Estes também me mostraram a importância da pesquisa, e principalmente da pesquisa com crianças, que é um grande desafio. Futuramente ao desempenhar meu papel de professora esta experiência será de grande valia pois como encontro em Ferraz(2009, p. 145) que

...o hábito de narrar e registrar as atividades ajuda o professor a acompanhar, analisar e avaliar as etapas de seu trabalho, ou seja, ajuda-o a refletir e aperfeiçoar suas ações docentes e, principalmente, pesquisar, discutir e partilhar seus conhecimentos, sentimentos e experiências com os colegas de profissão.

Ferraz, traz que ao “narrar” e “registrar”, o professor tem em suas mãos uma importante forma de observar e refletir sua práxis, e desta forma pode reinventá-la e reavaliá-la. Isto aconteceu comigo, durante a coleta de dados e análise dos mesmos. Acredito que a forma como foi registrada a coleta continuaria sendo a mesma, através de filmagem e gravação das falas com aparelho de áudio, também a forma como as crianças ficaram dispostas na sala, continuaria a mesma. Somente mudaria duas das imagens apresentadas, pois analisando a fala e também pelo o que observei durante minha conversa com eles, que a imagem da obra A Bandeira do Divino Espírito Santo(Fig. 06) e o Boi de Mamão(Fig.07), lhes

causaram um pouco de incômodo. Acredito agora que poderia substituir por uma outra com a mesma temática mas que não tivesse o semblante das pessoas, mostradas de uma forma que parecem sofridas. Quando selecionei estas imagens, o fiz tomando somente como critério a identificação que tive com elas a partir de minha própria infância. Não fiz uma leitura prévia delas, buscando analisar cada detalhe, que agora enxergo, não levei em consideração o impacto que as crianças teriam ao observá-las. Como observei nas falas da maioria das crianças que ao serem questionadas sobre a imagem da obra “A Bandeira do Divino Espírito Santo” (Fig. 06), se esta lhes causava medo, e que se expressaram positivamente sobre a imagem, e a através da fala do aluno Felipe, que descarta o medo mas diz:

Felipe: Eu não tenho, mas não gostaria de estar ali. Refletindo sobre esta fala, é que penso que deveria trocar as imagens, tarde, para esta pesquisa sim, mas não para outras pesquisas e principalmente para minha prática docente.

Ao rever as hipóteses criadas no início da pesquisa como: Até que ponto as crianças identificam essas expressões, ou se identificam nessas expressões? Trago algumas falas que evidenciam isso : **Eloah:** é o Boi de mamão; **Nicoli:** Vi em uma cidade, em uma festa junina, era uma apresentação; **Felipe:** Eu fui a uma apresentação, “Fui engolido por esse dragão”. Se referindo a Bernúncia. E completou: “ Eu fui o boi de mamão”. E continuou falando: “Lá no ginásio todo ano tem uma festa e que tem a apresentação do boi de mamão”. Percebe-se que algumas das crianças, conseguem reconhecer essa expressão, e se identificam. Mas se considerar uma outra hipótese: Como estas expressões são evidenciadas, em específico nas aulas de Artes? Percebo que segundo as respostas essas expressões não estão muito presentes nas aulas de Artes, pois a grande maioria das crianças não identificaram algumas das Expressões da cultura popular ali representadas.

Sendo assim, finalizo esta pesquisa, com um desejo de prosseguir, pois acredito que sempre encontraremos novo questionamentos acerca de a Cultura Popular e sua expressões ser contemplada nas aulas de arte. No entanto ainda não acaba aqui meu desejo por pesquisar esse tema. É apenas o início de uma pesquisa que continuará, por mim e por outras pessoas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 38 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998. 271 p

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed São Paulo: Cortez, 2003. 184 p

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: obras escolhidas, volume 2**. 5. ed São Paulo: Brasiliense, 1995. 277 p.

BECKER, Aline da Silveira. História e Imagens: a visualização produzindo infâncias In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.) (). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010. P. 89 – 104.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASILIA. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do ensino fundamental**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. 2012. Fonte <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12827-texto-referencia-consulta-publica-2013-cne-df&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192> acesso em 26/09/2016.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: EDUC, 2002. 252 p.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. 2. ed. Campinas - SP: Papyrus, 2001. - (Coleção Travessia do Século)

COELHO, Roseana Martins. O sujeito e a construção da identidade: Implicações na infância, na educação e na arte. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010. P.105 – 129.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. 388 p

FARIA, Vitória; SALLES, Fátima. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica**. São Paulo: Scipione, 2007.

FERRAZ, Maria Heloísa C. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed São Paulo: EDUSP, 2003. 385 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel F. Pereira (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 9.ed Campinas, SP: Papyrus, 2007. 192 p.

KRAMER, Sonia. **Pesquisando Infância e Educação: Um encontro com Walter Benjamin**. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel F. Pereira. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 9.ed Campinas, SP: Papyrus, 2007. 192 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 117 p.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Desenho Infantil: questões e práticas polêmicas**. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Infância e produção cultural**. 3 ed. Campinas: Papyrus, 1998. p. 131- 150.

LEITE, Maria Isabel. **Educação e as linguagens artísticas culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação**. Texto. 2005. Ed. Unesc.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir, e conhecer a arte**. São Paulo: FTD, 1998. 197 p

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2010. 247 p.

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NUNES, Lelia Pereira da Silva. . **Zumblick: uma história de vida e de arte**. Brasília: Senado Federal, 2013, 180 p.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **A arte e seu ensino na contemporaneidade**. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e (Org.) **Ensaio em torno da arte**. Chapecó, SC: Argos, 2008.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir a criança? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. 388 p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 36 ed. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1990. 95 p.

SANTOS, Jose Luiz dos. **O que e cultura**. 9 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, [198-]. 89 p.

VIANNA, Ilca de Oliveira A. **Metodologia do Trabalho Científico**. Um Enfoque Didático da produção Científica. São Paulo: E.P. U, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento enviado a direção da escola.

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

CULTURA POPULAR: O que dizem as crianças?

A Sr.^a: Mônica de Lucca Honorato. Diretor da Escola - EMEIEF Núcleo Hercílio Luz - Criciúma - SC foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto no 3º ano do ensino fundamental, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como objetivo “Evidenciar as falas das crianças nas obras de Willy Zumblick, um artista catarinense que retrata as expressões da cultura popular”.

Embora a Sr.^a venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro a Sr.^a não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes à unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que a Sr.^a poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Beatriz Costa Liecheski – (48) 3442-1790/ 9832-0653 da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora Silemar Maria de Medeiros da Silva – (48) 9993-1197.

Criciúma (SC) 18 de Agosto de 2016.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição

APÊNDICE B - Autorização enviada aos pais e/ou responsáveis



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
_____(PROFISSÃO), _____ portador(a) da
carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
(NÚMERO)_____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

_____ como pai/mãe e/ou responsável legal autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução da imagem, do som da voz de meu(inha) filho(a), sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Beatriz Costa Liecheski do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Me. Silemar Maria de Medeiros da Siva para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos à imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria que seu(ua) filho(a) fosse identificado na pesquisa

APÊNDICE C - Autorização para as crianças



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu,, autorizo o uso e a reprodução da imagem, do som da minha voz para a pesquisa da acadêmica Beatriz Costa Liecheski do Curso de Artes Visuais da UNESC como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

E.E.I.E.F. Núcleo Hercílio Luz, 27 de outubro de 2016.

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Coloque aqui o nome, apelido que gostaria de ser identificado na pesquisa
